

ESCOLA ESTADUAL PAULO AIRTON, FORTALEZA, CE,

7 DE FEVEREIRO DE 1998

*Senhor Governador Tasso Jereissati; Senhor Prefeito Juraci Magalhães; Senhor Ministro Paulo Renato; Senhor Embaixador Sérgio Amaral; Senhores Senadores que aqui se encontram; Deputados; Professora Socorro, Diretora da escola; Senhoras e Senhores da Associação de Pais e Mestres, e, sobretudo, jovens Estudantes,*

Acho que esta manhã é extremamente gratificante e simbólica, até pela amplitude deste ato aqui. Amplitude não quer dizer apenas aqui, a gente, quer dizer muito mais pelo que significa em termos de Brasil.

Um velho amigo meu, que faleceu recentemente, foi Senador da República, chamado Darcy Ribeiro, insistia muito comigo, nas muitas vezes que nos encontrávamos, sobre o fato de que o desafio do Brasil era, e é, o da educação. Pois bem, não terá sido apenas em função da insistência do Darcy, mas também do clamor, embora, muitas vezes, de difícil escuta, do Brasil todo, de que precisa mudar, de que precisa dar mais condições de cidadania, escolas, professores, treinamento, melhoria, que nós resolvemos enfrentar esse desafio.

O Ministro Paulo Renato citou o Governador Cristovam Buarque. Agora, aqui, nós estamos vendo o esforço do Governador Tasso Jereisati e do Prefeito Juraci Magalhães. Cada uma das pessoas aqui citadas pertence, ou pertenceu, a um partido diferente. E nós todos estamos unidos. Unidos porque a educação, como disse o Governador Cristovam e, vou repetir, o Ministro Paulo Renato, é que deve ser o partido de todos nós, no que diz respeito à questão educacional.

Recentemente, o Presidente dos Estados Unidos, num discurso que fez sobre o Estado da União, que é como eles chamam lá, nos Estados Unidos, a apresentação do programa do governo, deste ano, disse algo que eu disse outro dia e quero repetir aqui. Ele, dirigindo-se aos americanos, disse alguma coisa que vale para nós, brasileiros. Disse o seguinte: “Quando alguém ultrapassa a porta de uma escola, deve deixar de lado completamente o seu sectarismo partidário. Deve deixar de lado tudo o que não seja preocupação com o fundamental.” E o fundamental é a relação aluno–professor, é a existência da Associação de Pais e Mestres, é a existência de um espírito que faça com que as escolas sejam, realmente, o centro de atividade na formação da cidadania.

É com esse espírito que o Ministro Paulo Renato vem desenvolvendo um trabalho que tenho qualificado, e repito aqui, de uma “revolução branca” na educação do Brasil. Nós estamos juntando todas as nossas forças, buscando convergência, não olhando outros interesses que não sejam de mudar a educação no Brasil.

E de há muito se falava que o grande problema no Brasil era a escola primária, a escola elementar, o ensino público. Mas, há muito, também, quando se olhavam os gastos da União, esses gastos se concentravam, crescentemente, no ensino superior.

Eu fui professor a vida inteira. E, se há uma atividade que exerço com satisfação, é a de estar na sala de aula, de conversar, de dar aula. Pois bem. E sempre fui professor de universidade, aqui e lá fora. Portanto, não há em mim qualquer restrição – longe disso – ao ensino universitário. Mas há em mim a convicção, que é antiga também, de que, primeiro, se não houver uma boa base educacional, a partir do curso primário, da educação fundamental e, se possível, da pré-escola, as op-

ções na universidade são limitadas. O número de pessoas que tem acesso à universidade diminui. A formação já vem atropelada. E, portanto, o rendimento na universidade é menor.

A questão de um país como o Brasil não é a da formação de alguns luminares, porque esses vão existir. E, quando são realmente bons, quando são bons de fato, eles se internacionalizam, porque é da natureza da ciência, da cultura, uma relação em nível universal.

Mas a questão não é daqueles que conseguem chegar à excepcionalidade, a questão é da média. A questão é de melhorar a qualidade básica do ensino, e esse não se melhora se não se melhorar o ensino na escola primária

Por outro lado, se não houver acesso amplo, não há democracia, não há cidadania. Longe de mim ser contra a escola privada. Mas fui e continuo sendo partidário ardoroso do ensino público como eixo fundamental da cidadania e da democracia.

É, portanto, essencial que os governos se dêem as mãos, para que nós possamos enfrentar agora esse desafio, que é colocar toda criança na escola. Esse desafio não se pode limitar aos níveis da administração: município, estado e União. São necessários os três, e que convirjam, mas é necessário que a sociedade brasileira participe desse grande esforço.

Sem a Associação de Pais e Mestres, não há possibilidade de um avanço efetivo da escola. Sem que a sociedade apóie, no seu conjunto, o esforço educacional, nós não teremos forças suficientes para fazer com que, realmente, num futuro próximo, nós não tenhamos criança fora da escola e nem venhamos mais a enfrentar, num futuro um pouco mais remoto, a questão do analfabetismo.

É um esforço nacional, é um esforço cívico, é um esforço coletivo. É um movimento que, aí sim, tem que ultrapassar a escola para atingir as famílias, atingir as empresas, atingir os níveis da administração, atingir a mídia. Enfim, tem que haver, realmente, uma ampla convergência nacional.

Para que nós pudéssemos lançar esse programa Toda Criança na Escola, foi preciso um grande trabalho prévio, que foi feito no Ministério da Educação. Pasmem: não havia números, não havia recenseamen-

tos à altura para saber, efetivamente, quantas crianças estavam fora da escola. Tivemos que começar por contar.

Não se tinha ainda, e não se tem em muitos lugares, ainda, condições mínimas de um ensino adequado. Fizemos a TV Escola e o treinamento, no local, do professor e do aluno. Aqui, no Ceará – acabo de ser informado –, é um programa de grande êxito o do treinamento à distância. Nós temos que incentivar isso. No plano nacional, nós temos cerca de 50 mil núcleos já, onde há não apenas um aparelho receptor de TV, mas uma antena e há um programa num sinal de satélite, direcionado ao treinamento dos professores.

Modificamos os currículos das escolas. Criamos os parâmetros curriculares, que são fundamentais para que o professor tenha uma base, não para que ele tenha ali um catecismo, não, mas para que ele tenha uma base, uma área de referência para o seu ensino. E cada professor de escola básica no Brasil estará recebendo, daqui por diante – alguns já receberam – um conjunto de 10 livros. E cada um desses livros se destina à definição de uma área específica de conhecimento. São cerca de 2 milhões de professores que vão receber isso. Não será fácil, mas estamos fazendo.

Nós distribuímos 90 milhões de livros escolares didáticos. Ainda há pouco, a diretora desta escola nos disse que é fundamental para que não haja evasão, para que haja um ensino bem-feito, que se recebam esses livros a tempo adequado, no início do curso. Estamos mantendo e ampliando o Programa de Merenda Escolar. Criamos, como disse o Governador Tasso Jereissati, o Programa de Valorização do Professor, para melhorar o salário naquelas regiões mais atrasadas do Brasil. Enfim, é um conjunto muito grande de medidas. E é desse conjunto que nasce a possibilidade de nós enfrentarmos o desafio do Toda Criança na Escola.

Nesta semana, com esse esforço que se está fazendo, com essa quantidade que o Ministro Paulo Renato já enumerou, aqui, de postos de atendimento, com o fato de que nós já estamos identificando onde é que há crianças sem escola, com a disponibilidade de recursos, como aqui se viu, para que nós possamos complementar os esforços locais, nós estamos confiantes de que se deu um passo fundamental para a

mudança do Brasil. O Brasil começa a mudar de maneira mais acelerada, quando toda criança está na escola.

É por isso que estar eu aqui, nesta escola Professor Airton – uma escola em que acabei de ver que os índices de evasão caíram, os índices de repetência caíram, os esforços nas classes de aceleração, que estão sendo feitos no Brasil todo –, fico realmente feliz, porque não conseguimos tudo, mas começamos a conseguir tudo o de que o Brasil necessita. E o Ceará foi escolhido, porque aqui, no Ceará, há entrosamento entre o Governo Federal e o governo municipal, porque há compreensão sobre a importância da questão educacional.

E o Governador Tasso foi um dos que mais insistiram comigo para que nos lançássemos no caminho de toda criança na escola e da valorização do ensino, porque a experiência dele como grande Governador, um dos maiores que o Brasil já teve, aqui, no Ceará (*palmas*), foi capaz de marcar uma posição nítida no sentido de que o que vale não é a obra física apenas, mas é quando essa obra, realmente, é sustentada pela existência de uma política social que depende da escola, que depende da educação, que depende do acesso ao trabalho, que depende de uma enorme quantidade de áreas sociais.

É, portanto, com esse espírito que vim aqui. E me rejubilo ao ver o Prefeito Juraci Magalhães, o Governador Tasso Jereissati e o Ministro Paulo Renato unidos, assim como vi que estão unidos aqui os professores e a Associação de Pais e Mestres, unidos todos nós, para que aceitemos esse desafio e para que, realmente, possamos, daqui a muito pouco tempo, dizer: no Brasil não há criança fora da escola.

Nesse dia, eu terei ficado contente, porque não pode haver ambição maior para alguém que preside a República do Brasil que ter contribuído para alargar a cidadania e acabar com a doença mais daninha que corroeu a nossa sociedade, que foi a ignorância, o analfabetismo, a falta de acesso à escola e a incapacidade do exercício pleno da atividade do ser humano, homens e mulheres, como cidadãos plenos.

Daqui para a frente, na construção desse futuro, de mãos dadas, nós vamos vencer esse desafio!

Muito obrigado.

